

Os mais pequeninos não entendem bem por que tanta agitação nos últimos meses: muitos visitantes, fotografias e festas. Mas os maiores até fizeram alguns desenhos que formam um simpático envelope, dado a cada uma das visitas, junto com uma caneta. É uma lembrança do cinquentenário da Escola Municipal de Educação Infantil Professora Neyde Guzzi Di Chiacchio, que na gestão do então prefeito Fábio da Silva Prado, em 9 de janeiro de 1935, foi inaugurada como Parque Infantil da Lapa.

Também como prte das comemorações do 50º aniversário da educação pré-escolar municipal, começa hoje, às 9 horas, no Palácio das Convenções do Anhembi, o "Congresso Comemorativo dos 50 anos de Educação Pré-escolar na Rede Municipal de Ensino". Estarão presentes na abertura o prefeito Mário Covas; a secretária municipal da Educação, Guiomar Namó de Mello; um candidato a prefeito da Capital, senador Fernando Henrique Cardoso, e outras autoridades ligadas à área da educação em nível federal, estadual e municipal.

Serão quatro dias de debates, exposições e painéis abrangendo a história, os objetivos, planos e experiências de redes municipais do Estado. Uma discussão que, segundo Guiomar Namó de Mello, permitirá uma "maior reflexão do caráter pedagógico da pré-escola entre os educadores". No domingo, 18, um debate sobre "A constituinte e a educação da criança pré-escolar" encerrará o congresso, com a presença da secretária de Fernando Henrique Cardoso; do secretário da Justiça José Carlos Dias; da socióloga Eva Blay e da assistente social Marta Teresinha Godinho.

Aluna número 05

Dona Dirma de Oliveira, 57 anos, não sabia ontem à noite se participaria ou não do congresso da pré-escola. "Os afazeres hoje são tantos que realmente fica difícil sair de casa", disse. "Mas vou fazer toda a força para dar tempo."

Motivos para participar ela tem de sobra. Foi uma das primeiras alunas do Parque Infantil da Lapa. Dirma tinha sete anos naquela época. Estava na Escolinha do Tecido — assim chamada pelas crianças porque ficava perto da fábrica de tecidos da Lapa — de manhã, e à tarde, depois do almoço, ia para o parque, onde ficava até as cinco da tarde, quando fechava. "Lá, nós fazíamos a lição de casa e passávamos a tarde brincando. A hora mais gostosa era a do leite e do pão com manteiga ou salsicha."

Dona Dirma se lembra muito bem e conta que faz pouco que jogou fora a pulseirinha de couro que usava no braço com o seu número, o 05. "Logo no início, usávamos

A nossa ^{Educação} pré-escola chega aos 50 anos

Há meio século São Paulo começava a estender a nossas crianças a educação antes do curso primário

apenas uma plaquetinha pendurada com barbante no pescoço. Mais tarde, o número foi bordado nas blusas e camisetas." O uniforme — calção vermelho e blusa branca para as meninas — era obrigatório. Principalmente para brincar nas correntes (um brinquedo onde algumas correntes eram penduradas num poste para as crianças girarem), "porque aparecia a calcinha". Dirma ainda se lembra dos "galos na cabeça" por causa das correntadas e do nariz descascado pelo sol.

Tem também na lembrança o salão da biblioteca e a sala do piano, onde um músico comparecia uma vez por semana para tocar para a criançada. Ou ainda o médico que duas vezes por semana aparecia para consultá-las. "Em dia de chuva, quem podia comprava um novelo de lã e uma das professoras — dona Ida ou dona Elza — ensinava a fazer tricô", lembra Dirma. "Mas o que mais gostávamos era dos brinquedos do playground e da piscina. Mas, me lembro bem, não dava para nadar porque ela era peque-

na e as crianças eram muitas. Era só pular e ficar se molhando." Ela ficou no parque da Lapa até os 12 anos, quando foi trabalhar numa tecelagem.

E a função do parque infantil era exatamente esta: educar, assistir e recrear. Em 27 de dezembro de 1945, o Decreto-Lei nº 333, reestruturando a organização da prefeitura, criava quatro secretarias. Uma delas era a de Cultura e Higiene, com a Divisão de Educação, Assistência e Recreio. Ela se dedicava a crianças de 3 a 12 anos, dando-lhes



A diretora Olga Domingos e o professor Nicanor Miranda: convicção dos benefícios da educação pré-escolar.

a chamada "educação integral": serviço médico, dentário, merenda escolar e recreação.

As lembranças parecem muito claras na cabeça de Nicanor Miranda, 80 anos de idade. Ele era o diretor da Divisão de Educação e Recreio na época da criação dos parques infantis. Como hoje, um entusiasta na questão da educação pré-escolar. Vai contando: "A primeira pessoa a falar de um trabalho junto à criança foi o prefeito Pires do Rio em 1929, numa reunião do Rotary Club na Casa do Comércio, à rua Líbero Badaró. Lá, ele lançou a idéia dos playgrounds".

Depois disso, o prefeito Anhaia Mello, professor de Urbanismo, fez uma permuta com a família Jafet — um terreno situado no bairro do Ipiranga para a criação de um playground. Na mesma época foram instalados os aparelhos de recreação no parque D. Pedro II. Posteriormente, o Ato 767, de 9 de janeiro de 1935, criou o Serviço Municipal de Jogos de Recreio e, no aniversário se-

guinte de São Paulo, 25 de janeiro, foram inaugurados os três primeiros parques infantis, localizados em bairros operários, para atender crianças de três a 15 anos: o Parque Infantil Pedro II — que hoje não existe mais; o Parque Infantil da Lapa e o Parque Infantil Ipiranga — atual EMEI D. Pedro I. "O nome parque infantil", relembra Nicanor, "foi criado por mim". Apesar dos parques atenderem a uma clientela 99% operária, "também atendiamos crianças de classes mais abastadas".

Nicanor Miranda tem tudo na cabeça: cada um dos parques tinha uma professora normalista jardineira, que trabalhava das 10 às 15 horas, com uma programação baseada em atividades de recreação. As físicas, com jogos e exercícios de educação física; as manuais, rítmicas e musicais, com aulas de canto, chorinho ou coro, e ainda as atividades sociais. "Fizemos grandes dramatizações teatrais, com 200/300 crianças. Coisa que não se vê mais hoje." Para ele, a educação pré-escolar hoje é dada numa estrutura de escola, "e como em todos os níveis ela está decadente".

Apenas o quintal

Apesar do aspecto assistencialista ainda existente na pré-escola municipal de hoje, Olga Maria Domingos, 40 anos, diretora da EMEI Neyde Guzzi Di Chiacchio, está contente com a escola que dirige: uma área relativamente grande (cerca de três a quatro mil m²), com árvores, terra, sete salas de aula (três adaptadas no prédio antigo mais quatro do prédio novo), um corpo de 20 professores estáveis e quase 800 crianças, de quatro a seis anos, distribuídas por 20 classes, em três turnos. "Já tivemos classes com 60 crianças, e hoje estamos com classes de 40, o que eu considero uma conquista." Ainda não é o ideal, mas Olga espera que a próxima administração "pelo menos faça o que foi feito nesta, que construiu várias escolas". Na Lapa de Baixo só tem a escola Neyde Guzzi, e Olga informa que para o ano que vem está criando mais uma classe para crianças de três anos e meio. A escola atende crianças da Lapa de Baixo e do Piqueri, Pirituba, Freguesia do Ó, Morro Grande, Vila Iório, Vila Zatti e Carapicuíba.

Atualmente o maior enfoque das EMEIs é dado à parte pedagógica, com uma proposta curricular baseada em Piaget, Bruner e Ana Maria Popovic. "Ela continua com a Educação Física, a Música e a socialização da criança, mas acrescenta a isso uma preparação maior para os anos escolares que virão nos próximos anos." Trabalha a linguagem oral, o raciocínio lógico e matemático, a discriminação visual e auditiva e um primeiro contato com a alfabetização. "Nós não fazemos a alfabetização, mas no final do ano a criança já reconhece algumas palavras", frisou.

Rita de Biagio